

O PROBLEMA DO ALENTEJO

Vejo diante dos meus olhos, vai já para três dias a interminável planície alentejana, às manchas verde-escuro e cor de fogo. Afritivamente quieta, esmagadora! Tenho ouvido cantar os horizontes sem fim desta profunda e repousante tranquilidade, onde tudo parece arder ao brilho falcante do Sol sem que da terra se erga para o céu um só rolo de fumo. Talvez seja bela, sim, talvez seja poética a interminável planície alentejana. Mas eu sinto cada vez maior tristeza, ao vê-la estendida assim, como dormindo descuidado sono, quase à semelhança de uma estátua de museu, que pode deleitar-nos o olhar, mas que não vibra, não se move, não se agita...

A planície é bela, talvez, mas eu não sinto palpitar-lhe o coração. Se o Sol nos não quemasse os olhos, dir-se-ia uma noite interminável estes dias alentejanos! Não quebra o silêncio afritivo que nos cerca, nem sequer o latir dum cão, nem o cantar duma nora, nem a música dos pinheiros, nem o ciciar duma fonte.

Aflige-me esta sonolência, inquietame este sossego. Dá-me ganas de gritar, de acordar para a vida, de fazer mover-se e caminhar esta «princesa» encantada que se espreguiça descuidosa, séculos e séculos, ao som magoado de cantigas dolentes que o povo aprendeu da semi-morta planície.

Nós não podemos deixar o Alentejo dormir assim, indolente e ativo. Há que desfazer o encanto, lutar corajosamente contra as ideias feitas, esquarterar a terra, arrancar-lhe do seio a música das águas, para que a terra alentejana se desentranhe em flores e em frutos, tal qual a outra terra portuguesa, onde se opera por vezes o milagre de arrancar das pedras azeite e pão.

Que razões se alegam para deixar assim o Alentejo? A falta de águas, a carência de vegetação, o clima ardente, a pobreza do solo? Outras tantas mentiras contra as quais é preciso lutar.

Os estudos já feitos sobre águas, por exemplo, mostram que o Alentejo tem abundantes lençóis de água, facilmente captável e economicamente aproveitável para regadio. Aqui, às portas de Évora, não faltam as provas de como se poderia transformar em fecundos vergéis a quase inculca planície. Alguns trabalhadores nortenhos cavaram poços, ergueram casas, rasgaram e estrumaram a terra, e é ver fogosos campos de milho, verdejantes canteiros de legumes, rissonhas árvores de fruto, e tal qual como no Minho florido, a vida a palpitar.

Em Vendas Novas, de umas dezenas de hectares de terra safara, de charneira abandonada, o esforço de alguns fez um autêntico jardim. Sempre pelo mesmo processo: abrir poços, adubar a terra, fazer cantar as noras, acreditar no Alentejo. E é um gosto ver um rincão minhoto a florescer aqui. Porque não se continuam as experiências? Porque se não promove e facilita a colonização do Alentejo, ou se não proporciona ao alentejano o cultivo racional da sua terra?

O problema tem de ser encarado de frente, e pelo Estado. As poucas experiências de divisão da terra, que nos apontam para nos fazer calar, não provam nada. Venderam depois as suas nesgas, alguns mesmo a copos de vinho como afirmam os alentejanos?

Mas porquê? Porque aos pobres homens não lhes foi orientada a cultura. Lançaram-se na tradicional cultura do trigo, na costumada seara, que é outro pesadelo do Alentejano. O grande proprietário pode perder nas searas. Ganhará na cortiça, no azeite, no gado. O seareiro, se perder no trigo, arruína-se. É uma aventura uma seara. Que condições tinham esses homens, a quem foi distribuída uma nesga de terra, para se bastarem a si mesmos num ano, talvez o primeiro em que trabalharam terra sua, em que a seara não compensou?

A distribuição da terra alentejana tem de ser feita noutras condições. Os exemplos de distribuição ou venda racional e economicamente viável provaram sempre pelos excelentes resultados e regiões há, onde os novos proprietários rurais conseguiram montar uma fecunda exploração agrícola, com abundantes proventos, porque abandonaram a monocultura tradicional.

O excedente da população nortenha, onde todos se acotovelam e a terra atingiu preços incompatíveis com uma económica exploração da terra, poderia ser muito bem canalizado para muitas regiões alentejanas, facilmente cultiváveis em condições

económicas muito mais vantajosas, porque o solo é mais fácil de trabalhar, e a terra é quase virgem.

E para que se não julgue que tudo isto é sonho de visionário, transcrevemos do «Parecer sobre as contas gerais do Estado de 1945»:

«Por que razão se encontram ainda despovoadas e sujeitas a uma cultura extensiva zonas que, no seu conjunto, atingem mais de dois terços dos 600.000 hectares — números redondos — ocupados pelo plioceno do Sul do Tejo?

«Nesta vasta zona, com possibilidades de existência de água de lençóis subterrâneos em circunstâncias de ser utilizada à superfície, a carta agrícola tem este aspecto: 43.000 hectares de terrenos incultos, 36 por cento de revestimento florestal, 33 por cento de cultura arvense extensiva, 23 por cento de cultura intensiva, dos quais apenas 2 por cento pertencem à entidade patronal.

«Vales e terras boas, que muitas vezes podiam ser regados, são cultivados em sequeiro, sem que se tente aproveitar ou explorar as suas possibilidades equíferas». (pág. 228).

Não há dúvida! Se o rico lavrador alentejano não precisa de cultivar melhor as suas terras não se segue daí que o Alentejo não seja capaz de se transformar numa riquíssima região agrícola, susceptível de abrigar o excedente das regiões super-povoadas e de garantir ao país aquela abundante produção de que tanto carece.

Para o conseguir, bastarão apenas iniciativa, audácia e uma intervençãozinha do Ministro da Economia, a determinar um novo regime jurídico da propriedade agrícola e a ordenar uma organização de conjunto que facilite a colonização do Alentejo por casais novos das Beiras, do Douro e do Minho, em regime de aldeias onde nada falte para que essa população se sinta amparada e protegida. E então o riquíssimo Alentejo não será apenas rico para os grandes proprietários, mas também para a Nação que se engrandecerá de cada vez mais.

ABEL VARZIM